

ARTHUR
SCHNITZLER

LIVRO DOS
PROVÉRBIOS
E DAS
REFLEXÕES

AFORISMOS E
FRAGMENTOS

Tradução do alemão (Áustria) e Posfácio de
Bruno C. Duarte



ÍNDICE

<i>Nota editorial</i>	9
Prefácio	13
Provérbios em versos	17
Premonições e perguntas.	55
Destino e vontade	77
Responsabilidade e consciência	99
Relações e solidões.	121
Milagres e leis.	159
Roda-viva dos dias, passagem dos tempos	177
Obra e repercussão	209
Ditos breves	269
<i>Posfácio</i>	285

PREMONIÇÕES E PERGUNTAS

1

Chamai-me liberal à vontade, e racionalista, e céptico; aceito-o de bom grado e de modo algum como uma censura, segundo é vossa intenção. Pois, por mais que gostasse de ver as pessoas gozarem de uma total liberdade, sei bem que só muito poucas saberiam fazer algo de sensato com ela, e que, no fundo, a grande maioria não faria mais do que abusar dela. E por muito que, na ausência de qualquer outro meio, tenha gosto em pôr a minha razão ao serviço da descoberta das verdades inferiores e superiores, pressinto a sua insuficiência e as suas limitações em todos os sentidos; e quanto às minhas dúvidas, por fim, há nelas tanta devoção, que é bem possível que sejam mais semelhantes à religiosidade do que àquilo a que chamais a vossa fé.

2

Quando acredito em alguma coisa, nem para mim próprio atribuo a essa crença uma importância dogmática. Aquilo a que chamo a minha crença é apenas a expressão do facto de, de acordo com a minha natureza, as minhas experiências, a minha maneira de pensar, uma determinada explicação me parecer a mais plausível para um determinado fenómeno; e de maneira alguma a expressão de que estaria disposto a morrer por essa minha crença, isto é, a entregar-me à morte em nome da validade universal das minhas experiências pessoais, ou pelo valor absoluto do meu modo pessoal de pensar. O martírio sempre foi apenas uma prova da intensidade, nunca da justeza de uma crença. E nunca podemos convencer os outros da crença naquilo em que acreditamos, mas apenas, no melhor dos casos, da crença no nosso espírito de sacrifício.

3

O que nos torna mais ricos são as perguntas que fazemos à Divindade, não as pobres respostas que nos são dadas. É o desejo que alimenta a nossa alma, não

DESTINO E VONTADE

1

Tem cuidado, não te envolvas em discussões com indivíduos que são sempre demasiado rápidos a sacar de contra-argumentos que vão buscar ao domínio do metafísico e do inconsciente. São os cobardes do pensamento, que, em vez de entrarem contigo numa luta justa, às claras, preferem esconder-se nos arbustos da irresponsabilidade e, pelas costas, vão disparando setas envenenadas de frases vazias, paradoxos e arrogâncias, e do alto fazem passar por iluminação interior, e mesmo por estado de graça, a incompreensibilidade que espalham à sua volta.

2

Sem o pressuposto de um livre-arbítrio, seríamos forçados a abrir mão de todos os nossos conceitos

éticos de culpa e expiação, bondade e maldade, importância e futilidade, e a encontrar para eles termos que, sem a entoação própria das tentativas de formular juízos estéticos ou morais, se limitariam a exprimir a relação de causalidade. Qualquer ideia de responsabilidade desapareceria do mundo, não haveria razão para amar e para odiar, para recompensar e para castigar, para admirar e para desprezar, para perdoar e para vingar, para sentir orgulho ou vergonha. E, assim, não foi tanto um postulado moral e religioso da humanidade que fez entrar em cena, como antagonista da causalidade, o livre-arbítrio que, no fundo, não é senão a causalidade encerrada no indivíduo, ao longo do tempo que dura a sua existência pessoal; foi antes um postulado *estético* que, ao cumprir-se, permitiu à humanidade escapar ao tédio mortal de um mundo desprovido de responsabilidade, algo que uma concepção estritamente determinista teria naturalmente de pressupor. De acordo com este ponto de vista, porém, a própria pressuposição de um livre-arbítrio só seria possível em conformidade com a lei eternamente vigente da causalidade, da mesma maneira que, no fim de contas, o ídolo deve ser olhado não como um elemento oposto ao divino, mas como um elemento condicionado pela divindade.

RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA

1

Uma vez que, no seu todo, a humanidade continua sempre a ser o mesmo elemento absolutamente problemático, como se explica que ela, que como contemporaneidade parece comportar-se de forma tão insensata, o faça de maneira tão compreensiva como posteridade; que ela, que como contemporaneidade parece comportar-se de forma tão vil, o faça de maneira tão nobre como posteridade? A razão é simples: a satisfação com o mal alheio e a falsa indignação, esses fortíssimos impulsos primitivos da natureza humana, só são capazes, pela sua essência, de provocar um efeito nos que vivem no mesmo tempo histórico; muitas emoções da alma, que não conseguiam manifestar-se para com os vivos senão como satisfação com o mal alheio e falsa indignação, têm a capacidade de, no mais curto espaço de tempo, se transformarem, e mesmo de

ARTHUR SCHNITZLER

se converterem no seu contrário, quando se trata dos que entretanto morreram. Que cordialidade, que solicitude, que bondade não aparecem subitamente em corações duros e malignos, assim que é excluída a possibilidade de outra pessoa poder desfrutar dessa cordialidade e bondade ou, quem sabe, até tirar dela um benefício tangível? Pois não é apenas a satisfação ou a alegria de assistir ao infortúnio de outrem, ou de saber que passa mal; o próprio desconforto ou o rancor ao ver que o outro está bem, ou que lhe aconteceu algo de agradável, têm mais importância na economia de todas as relações humanas, de indivíduo para indivíduo, de classe para classe, de Estado para Estado, do que qualquer amizade, amor, gratidão e equidade entre seres vivos.

2

A verdadeira objectividade, e por isso também a equidade absoluta, continuará sempre a ser apenas e tão-só uma *ideia*; entre severidade e indulgência, entre ódio e amor, até mesmo entre fidelidade e traição, desenha-se uma linha matemática, inacessível aos nossos olhos. Porém, nem o passo mais

MILAGRES E LEIS

1

A entrada no domínio dos problemas metafísicos só devia ser permitida aos espíritos que se tenham mostrado dignos de tal permissão, graças a uma conduta respeitável no domínio das realidades geralmente acessíveis; dedicar-se ao ocultismo é algo que deveria ser negado àqueles que não sabem o suficiente no âmbito do que é relativamente manifesto; por fim, o direito a mover-se nas regiões do inconsciente não deveria ser concedido a ninguém que não tenha minuciosamente percorrido em todas as direcções as [regiões] da consciência até aos limites da clareza. Mas claro que é precisamente nestes territórios da metafísica, do ocultismo e do inconsciente, difíceis de controlar e de limites incertos, claro que é precisamente aí que os aventureiros, os especuladores e os impostores do pensamento mais se sentem à vontade.

ARTHUR SCHNITZLER

E podem vir das suas excursões a essas regiões com as histórias mais falsas e estapafúrdias, que nunca faltarão tolos e imbecis para os escutar com maior credulidade do que a que reservam aos homens de saber, que a profissão, a responsabilidade e a coragem predestinaram às suas viagens de descobertas.

2

Faz parte das obsessões da humanidade o ocupar-se com problemas metafísicos, cuja verdadeira essência é ditada precisamente pelo seu carácter irresolúvel. E tanto mais difícil é chegar a uma cura quanto os seres humanos em geral não têm necessidade alguma de se deixarem curar. «Tudo o que é suspeito acontece no escuro»: este ditado aplica-se na perfeição ao campo filosófico; só muito poucos se sentem à vontade no meio da clareza e da luz, e de bom grado se refugiam nos lugares onde não existe controlo; isto é, onde o único meio de comunicação humano, a palavra, deixa de ter importância, antes muda o seu curso e o seu significado de um momento para o outro. No interior da metafísica, porém, só a mudez é apropriada; discurso e contra-discurso tornam-se arbitrários e sem sentido.

DITOS BREVES

1

Um pensamento novo... é quase sempre uma velhíssima banalidade, assim que experimentamos em nós próprios a sua verdade.

2

Quantas vezes não tomamos por irreconciliabilidade das opiniões aquilo que mais não é do que diversidade de temperamentos.

3

Ele até pode ter saído bem visto da situação, mas a ti ainda ninguém te perdoou por teres percebido perfeitamente o tipo de pessoa que é.

ARTHUR SCHNITZLER

4

Quantas vezes – e mais vezes ainda em nós do que nos outros – tomamos por força de carácter o que no fundo não é senão fraqueza de sentimento.

5

Que no início de cada compromisso assumido esteja este compromisso: estar ciente da medida da sua força, da sua resistência, do seu espírito de sacrifício – de outro modo, o próprio assumir do compromisso transforma-se em culpa.

6

Que animal voraz é a vaidade! Alimenta-se tanto do êxito quanto do fracasso, tanto da felicidade quanto da infelicidade, tanto do amor quanto do ódio e, em caso de necessidade, sabe como viver da sua própria gordura, e assim vai engordando cada vez mais e mais.